

O BACHAREL EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS: UM PLANEJAMENTO PARA A SUA FORMAÇÃO

João Marinonio Aveiro Carneiro*

Introdução

A finalidade de abordarmos esta temática é a preocupação maior que devemos ter quando pretendermos formar o BACHAREL EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS à luz de critérios educacionais.

Assim sendo a Metodologia aqui apresentada situa-se como um indicador a ser perseguido por aqueles que tem a responsabilidade de ensino e pesquisa na área.

Desenvolvimento

Entendemos que qualquer Curso pretenda viabilizar-se dentro de uma realidade devendo atentar para detalhes de um planejamento integrado de seus elementos.

Chamemos pois, este PLANEJAMENTO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS, que defluirá do PLANEJAMENTO PARA A FORMAÇÃO DO BACHAREL EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS (Anexo I).

O primeiro momento do Planejamento é saber-se O QUE FAZ aquele que é o BACHAREL EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS que pretendemos esquematizar e implantar.

Para termos esta resposta é necessário que se tracem linhas que de maneira confluentes possam caracterizar, nitidamente, este egresso que almejamos alcançar.

Desta maneira, há necessidade de que fique clarificado o PERFIL deste concludente, através de um estudo científico denominado ANÁLISE PROFISSIONOGRÁFICA (Análise Ocupacional).

A estes estudos devem ser acrescidos dados relevantes à QUALIFICAÇÃO, necessária para ser um BACHAREL EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS, passando aí pelo caminho da vocação.

Além disso há de anuir-se o dado de PERFORMANCE que desejamos que tenha o nosso futuro profissional, bem como que esteja em as condições de preencher, de maneira razoável as suas obrigações.

Listadas estas características é necessário que sejam bem delimitados os OBJETIVOS A ALCANÇAR.

Tais OBJETIVOS devem ser OPERACIONALIZADOS para que desta maneira não caiamos no subjetivismo tão ameaçador ao ensino e que o tem desmoralizado até então.

Como pode ser visto do que até aqui nos referimos, este planejamento requer mais do que boa vontade para ser realizado, requer COMPETÊNCIA nas áreas de EDUCAÇÃO e de CIÊNCIAS CONTÁBEIS e que isto não se faz com profissionais que são guindados ao Magistério sem nenhuma formação para tal, são os profissionais professores e sim com professores profissionais, que dominando o conteúdo tenham, também, formação na vertente educacional.

Os passos a serem seguidos necessitam, pois, do enfoque dicotômico das duas vertentes citadas, posto que se atentarmos para uma só delas os objetivos maiores não serão, com certeza, alcançados.

Aqui e agora se apresenta o grande momento do planejamento, pois entrará em cena a visão EDUCACIONAL da Instituição de Ensino formadora do profissional em questão ou seja a FILOSOFIA EDUCACIONAL DA INSTITUIÇÃO.

Não há nenhuma Instituição de Ensino que se preze em ser assim denominada, a falta deste dado.

Sua falta levaria ao esvaziamento pleno e total da realização maior do Ensino.

Aqui entra um dado que surge como imposição legal é o CURRÍCULO MÍNIMO baixado pelo EGRÉGIO CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO - CFE.

Deste contexto, já levantado, é que somente agora, serão escolhidas as MATÉRIAS PARA LEVAR A FAZER.

Estas matérias deverão ter em seu contexto as respostas ao que foi levantado no primeiro passo, "O QUE FAZ?"

Decorrente desta listagem de matérias será confeccionado o CURRÍCULO, ou Grade Curricular a ser ministrada aos futuros profissionais.

O CFE oferece-nos a listagem do que considera MÍNIMO para a formação pretendida cabendo a Instituição de Ensino Superior, IES, completar este Currículo formalizando o que é conhecido como CURRÍCULO PLENO em que se procura enfatizar matérias que são pertinentes à área geográfica do Distrito Geo-educacional em que a IES encontra-se inserida.

Outro passo de real importância no Planejamento é a AVALIAÇÃO.

Este passo vem sendo descurado pelo ensino não só em nosso meio mas em todas as áreas.

O que se vê não é a preocupação com a QUALIDADE do QUE se ensina e de QUEM ensina mas sim com uma forma de maiores lucros sem investimento.

Avaliar não é dar provas deste ou daquele tipo aos alunos.

É realizar ao PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO e EXECUÇÃO de todas as medidas de ensino-aprendizagem.

Há que se aprender a mensurar para depois avaliar.

Entendemos que somente com a existência de uma SEÇÃO TÉCNICA DE ENSINO - STE, (Anexo II), funcionando de maneira compatível é que teremos este trabalho bem realizado, só que esta STE requer investimentos em recursos humanos especializados e que as IES, de maneira geral, não estão dispostas a investir.

Esta avaliação tem duas finalidades básicas, entre outras, que poderão surgir no dia-a-dia dos cursos.

Estas finalidades são a RETIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM e a VALIDAÇÃO DO CURRÍCULO.

A RETIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM é a razão MAIOR do Ensino.

É levantar criteriosamente as folhas do ENSINO (por parte do professor) e da APRENDIZAGEM (por parte dos alunos).

Aqui vão surgir os dados bastante preocupantes à observação da DIREÇÃO DO CURSO.

Quem não atendeu os OBJETIVOS A ALCANÇAR, ONDE, EM QUE UNIDADE DIDÁTICA ou TEMA, ou AULA não foi entendida pelos alunos e uma realimentação ser utilizada.

Nova aula, novos enfoques, novas abordagens, com outro método didático e usando tecnologias educacionais alternativas deve ser realizada e ser de novo mensurada para ser avaliada.

Mas como funciona este importante passo do Planejamento, hoje?

Funciona de modo cartorial.

A Secretaria recebe as pautas devidamente preenchidas com os graus (que alguns desavisados insistem em chamar de notas) bem como o envelope contendo o que chamam de provas (sic).

Ai está, de maneira cartorial completado o ciclo da AVALIAÇÃO. Tudo guardado e nada realizado com a massa de informações levantada. O não uso destas informações decorre do DESCONHECIMENTO para que serve e a que estão ali fazendo a SECRETARIA, DIREÇÃO e CORPO DOCENTE.

É esta mesma massa de informações que permitirá fazer-se a VALIDAÇÃO DO CURRÍCULO.

Utilizando-se de questionários elaborados pela SEÇÃO TÉCNICA DE ENSINO, serão os mesmos respondidos pelos alunos, ex-alunos e pela própria Administração Escolar que juntamente com a análise dos resultados dos Trabalhos para Julgamento (provas e trabalhos dos alunos) vão permitir um perfil do Curso em tela.

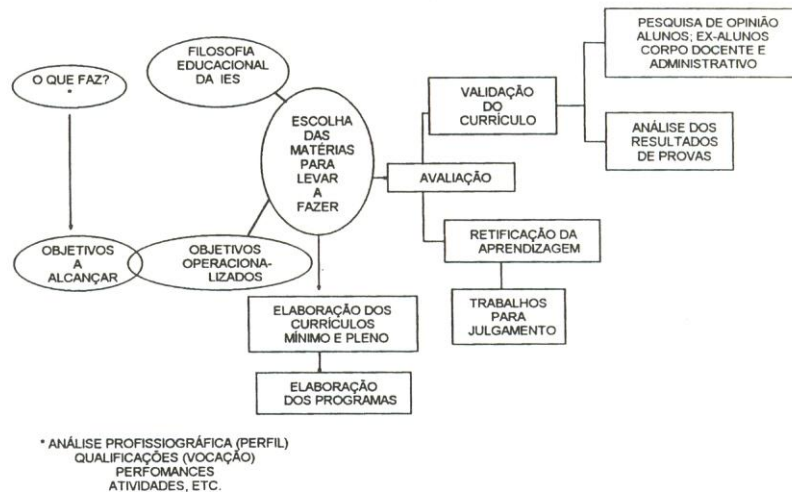
Tudo isso se tipifica e se coloca *face-to-face* o Sistema de Planejamento como um todo.

Conclusão

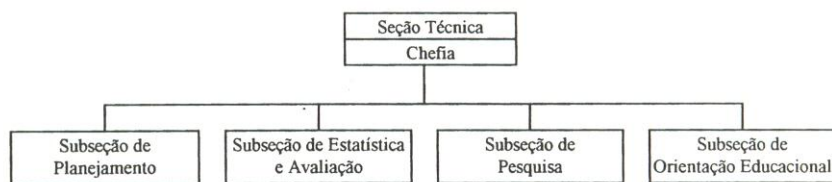
Acreditamos que quando nossos cursos procurarem seguir a Metodologia aqui indicada teremos maiores condições de acertar, propiciando a formação de um BACHAREL EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS de acordo com a qualidade que almejamos em que a eficiência e eficácia de sua formação redunde em serviço cada vez mais efetivo para a Comunidade vista como um todo.

* Professor do Curso de Mestrado em Ciências Contábeis da FAF/UERJ, em Metodologia do Ensino Superior e Metodologia da Pesquisa; Mestre e Doutor em Educação e Filosofia.

ANEXO I- PLANEJAMENTO PARA A FORMAÇÃO DO BACHAREL EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS



ANEXO II - ORGANOGrama DA SEÇÃO TÉCNICA DE ENSINO - STE



A composição da STE será em função da IES na qual se encontra instalada. Este organograma é uma visão completa da Seção.